UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MESTRES DA TRADIÇÃO DE TERREIROS NA BAHIA.

Vitória da Silva Ribeiro Pinto[1]; Eduardo Oliveira Miranda[2]
1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: vitoriaribeiro280@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: eduardomiranda48@gmail,com

PALAVRAS-CHAVE: Tradição Oral; Griô; Contos afro-brasileiros.

INTRODUÇÃO

Abrir os caminhos deste diálogo só faz sentido quando autorizamos escrever a partir das experiências que constituem o meu corpo-território (MIRANDA, 2020), posto que as narrativas aqui evidenciadas são frutos de uma outra possibilidade teórico e metodológica de produzir saberes epistêmicos por dentro do centro acadêmico. Neste sentido, sobre as experiências podemos considerar como processo de acúmulos e/ou perdas de elementos intersubjetivos tecidos no trato com o que se vivencia.

Com o objetivo de coletar, junto a mestres e mestras da tradição oriundos de terreiros, suas histórias de vida e seu repertório de contos afro-brasileiros, correlacionando-os com saberes tradicionais intrafamiliares, referentes à tradição oral e a cultura popular com saberes acadêmicos, priorizamos um olhar mais enfático sobre o campo da tradição oral, a qual valoriza a transmissão das memórias que são transformadas em conhecimentos através da oralidade para a construção do novo, para perpetuação de saberes, permitindo a continuidade de histórias e de uma cultura, mas sem negligenciar que a oralidade também pode compactuar para encobrir e silenciar outras experiências coletivas

Perfilar as vivências reverbera em se ater que as colonialidades se apresentam em todas as etapas constitutivas do nosso corpo-território e com isso precisamos compreender que "o conceito de 'experiência' se refere ao saber elaborado pouco a pouco – feito e refeito -, ao longo da vida, pressupondo um determinado contexto que também permita a sua transmissão" (SANTOS, 2019, p.132). Desta forma, verificamos que as experiências não se constituem como agenciamentos em acabado, muito pelo contrário, em trânsito com as interações sociais é que vamos compondo o mosaico das experiências. Nessa pesquisa esse mosaico se constrói pelos olhares dos guardiões, os considerados mais velhos e mais velhas, o que tem a função social de "lembrar e aconselhar... unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir" (BOSI, 1979, p.18).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

A pesquisa foi de cunho qualitativo, pois utilizei a autobiografia como dispositivo de produção de dados, buscando compreender as particularidades de cada indivíduo, assim como afirma Minayo (2014) ao dizer que "a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados" (MINAYO, 2001, p.14). Utilizei a entrevista narrativa para coleta de dados, sendo esta estruturada coletivamente pelos envolvidos no grupo de pesquisa "Cacimba de Histórias: nas teias da tradição oral".

Em concordância com o plano de trabalho aprovado na seleção e ao considerar a metodologia adotada, realizamos uma pesquisa de campo com o intuito de encontrar o mestre ou a mestra responsável por coletivamente construir os dados da pesquisa.

A pesquisa se consolidou através de pesquisas bibliográficas, reuniões online com a equipe do grupo de pesquisa, com reuniões com o Orientador Eduardo Oliveira Miranda, e com dois encontros pela plataforma Meet com a entrevistada. Vale salientar que todos os encontros e entrevistas foram feitas virtualmente devido as normas de isolamento do Covid-19, visto que a pesquisa ocorreu em período pandêmico. As entrevistas aconteceram em dois encontros que estão gravadas e ficarão disponíveis na plataforma on-line do grupo de pesquisa. Depois de captados os registros audiovisuais da entrevista, transcrevi os contos que emergiram delas, analisei os dados coletados para compreender as relações entre a escuta de histórias afro-brasileiras e o impacto delas no cotidiano do indivíduo e sistematizei-os na escrita de um artigo cientifico.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Encontros organizados pelo grupo de pesquisa foram pensados do individual ao coletivo, na tentava de suprir as necessidades das pesquisas de cada integrante, como também de todo o grupo Cacimba de Histórias. Criado de forma circular e conjunta, o cronograma permitiu momentos de planejamento, discussão, produção acadêmica, troca de saberes, vivências e experiência, que permitiram convidar e conhecer pessoas, de regiões distintas, que tentaram à distância trazer conhecimentos necessários para as nossas pesquisas. Esses ocorreram desde o mês de Agosto de 2020 até o mês de Abril de 2021, podendo ser considerados como um momento de preparação teórico-metodológica para a pesquisa e de desenvolvimento pessoal para o pesquisador.

O grupo de pesquisa organizou o evento virtual "Cacimba de Histórias: nas teias da tradição", que proporcionou um conjunto de lives ocorridas em dias diferentes com transmissão na plataforma do YouTube, no canal "Observatório de Contação". Esse evento teve o intuito de apresentar as pesquisas que estavam sendo realizadas, difundindo para a comunidade a importância dos estudos sobre a tradição oral. Um dos encontros contou com a minha participação e de outros três pesquisadores do grupo, sendo um deles o mediador.

Na minha participação, apresentei a pesquisa partindo da minha história de vida referente a educação e pude socializar também sobre a trajetória dentro do grupo de pesquisa do "Cacimba de Histórias". Neste relato, pude situar a comunidade ouvinte sobre os desafios que enfrentei para realizar a pesquisa durante a pandemia do COVID-19, tendo como possibilidade somente os meios digitais para aa realizações das entrevistas. Destaquei os momentos mais marcantes da minha troca com a minha mais velha, como a construção e desconstrução referente a mitologia da religião de matriz africana e em como acontecia a contação de história e o processo de aprendizagem na Nação Ângola Muxicongo, nação a qual a minha entrevista pertence. Expus o meu plano de trabalho destacando os objetivos e trazendo evidencias de Hampatê Bá (2010)

referente a tradição oral e de Nilma Lino Gomes (2003) referente aos sistemas de representações.

A participação no evento trouxe à tona a emoção que senti ao poder ter a oportunidade de participar do grupo "Cacimba de Histórias" e me fez refletir sobre as minhas aprendizagens dentro do grupo e na minha pesquisa. Aprendizagens que foram além da minha formação acadêmica, pois ela também foi e é pessoal. Perceber o que está a minha volta a partir do que pesquiso é indispensável, e em momento de isolamento em que só existe o contato físico com a minha família, sendo uma das integrantes a minha vó, me colocou em um lugar de ouvinte valorizando os saberes que ela vivenciou e que ela escutava em sua infância. A cada reunião nova do grupo, um novo sentimento se aflorava, as reuniões eram mediadas de forma aconchegante, o que diminuía um pouco do distanciamento que estávamos.

Tive dois encontros virtuais síncronos com a minha entrevistada, entretanto o primeiro encontro não foi autorizado a gravação por ela, visto que foi um encontro para apresentar o meu plano de trabalho, explicitando os objetivos das entrevistas, para só depois de analisar, ela decidir se aceitaria o convite de fazer parte da entrevista. Já o segundo encontro, foi o encontro em que ela já tinha assinado os termos que permitia a gravação.

O segundo encontro foi onde ocorreu a entrevista, desde a sua biografia à narração da história. Muzakiri – nome pelo qual a entrevistada prefere ser chamada, pois é a sua digína (nome africano que as pessoas recebem ao ser iniciado na Nação Angola Muxicongo) relata sobre a sua infância, juventude e educação no terreiro de Candomblé, onde ela viveu, pois sua mãe foi trazida, com 7 anos, para o Terreiro de Candomblé junto com sua avó que era filha de santo da casa em 1959, a pedido de seu Tata de Nkise que dirigia a casa na época.

Muzakiri considera que sua infância, junto a seus irmãos e as outras crianças de terreiro, foi a melhor possível, pois eles não tinham acesso a nada de eletrônico, as brincadeiras eram com objetos improvisados ou somente com o contato entre eles. Entretanto essa ressalta que sua infância foi além das brincadeiras, pois eles possuíam responsabilidades, existiam momentos em que as crianças precisavam ajudar no terreiro, porém esses momentos se tornavam divertidos porque eram agraciados por um mais velho com a contação de história – o mais velho nessa Nação é o que identificamos como Griô, sendo estes "homens e mulheres guardiões e guardiãs da memória, que possuem suas tradições transmitidas por gerações através da linguagem da fala e do corpo, sendo o indivíduo que valoriza o poder da palavra e da oralidade dentro de determinada comunidade" (DUTRA, 2015, p.21), entretanto na Nação Angola Muxicongo, este é considerado mais velho não pela idade cronológica, mas sim identificado através do tempo em que foi iniciado primeiro na religião, ou seja, uma criança pode se tornar o mais velho a partir do seu tempo de iniciação.

Partindo destes momentos supracitados, Muzakiri ressalta sobre a contação de história sempre acontecer dessa forma, sem data e horário específico para contar histórias, pois elas surgiam de oportunidades, na qual os mais antigos pegavam alguma situação que havia acontecido e revestiam em histórias, sendo que essas eram e são (visto que hoje ela é uma mais velha e reproduz o que aprendeu durante a sua infância e juventude) referentes a todos o Nkises – o que chama a minha atenção, pois normalmente ligamos o Candomblé somente a existência de Orixás e suas metodologias, como se não existissem nações com suas especificidades. Elas serviam como maneira de atrair e

descontrair as crianças dos trabalhos repetitivos e cansativos, e não possuíam porquês nos seus enredos e nem comprovação de acontecimentos.

Muzakiri ressalta que a vida no terreiro é muito corrida, e por isso não se tem tempo de sentar para separar uma história específica para contar, e é desta forma também que ocorre a aprendizagem. Ela só ingressou na Escola no grupo da 3º série (hoje 4º ano do Ensino Fundamental), mas já sabia ler e escrever e conhecia a história do seu povo. Essa aprendizagem, considerada informal, por ser uma educação que ocorria fora dos padrões eurocêntricos da Instituição Escolar, também acontecia através da contações de história e análise e reprodução dos atos dos mais velhos, propiciando a conservação dessa cultura, possibilitando o "passar de geração em geração" para dar continuidade a história e preservar a tradição oral, sendo esta considerada "a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos (BÁ, 2010, p.12)

Durante a entrevista, Muzakiri deixa extremamente evidente o quão terrível foi o momento em que ela ingressou na Escola, pois precisou omitir a sua religião por conta dos preconceitos, e também por se deparar com uma educação extremamente conteudista que além de lhe fazer ocultar a sua identidade, impunha também maneiras de se sentar e de falar, sobrando só o curto momento do recreio para a sua diversão. Nessa situação foi possível observar o que Louro (1997) entende como disciplinamentos do corpo e da mente para vigiar, controlar, punir ou corrigir através de padrões culturais ou de raça.

A entrevista com Muzakiri foi gravada com a sua autorização, e foi dividida em quatro vídeos em que ela fala sobre sua infância, juventude, educação, o local do seu corpo-território enquanto mais velha atualmente no terreiro, seus dados pessoas, e conta um pouco de histórias que ela escutou e viveu na sua infância, e que hoje conta para às crianças.

A pesquisa traz à tona questionamentos referentes aos modelos eurocêntricos aos quais seguimos na sociedade e na educação, ela foi fundamental para minha formação e construção da minha identidade enquanto docente, me permitindo repensar o quanto estamos acostumado com a valorização da tradição escrita, nos fazendo fechar os olhos para a tradição oral e por isso desvalorizar a mesma, sem perceber que essa está perpassada por todas as interações que possuímos, desde a familiar quanto a educacional. Desta forma, a partir das análises, discussões e leituras bibliográficas fica evidente a necessidade de trazer para o centro da educação a tradição oral a partir da Pedagogia Griô, em que os conteúdos serão descentralizados como parte principal do processo de ensino e aprendizagem dentro da sala de aula, sendo assim a educação partirá das identidades e saberes orais que perpassam cada indivíduo que está na sala de aula, desde alunos à professores.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

DUTRA, Henrique Leonardo. **Educação e cultura de tradição oral:** um encontro com a pedagogia griô. Campinas: UNICAMP, 2015.

HAMPATÊ BÁ, Amadou. **Tradição Viva.** Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro. Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1997. P. 14-36

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território e Educação Decolonial:** proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Faculdade de Educação da Bahia – FACED/UFBA: Salvador, 2020.

SANTOS, Edison Luís. **Memória, informação e encanto:** a esfera de saberes entre os mestres da tradição oral. Revista do ABPN. V.11, Ed. Especial – Caderno Temático: Cultura popular em cena: artes afro diaspóricas. Julho, 2019. (p. 130-154)